

28 NOV 1967 JORNAL DE BRASÍLIA

Que voltem os monitores

Soa ridícula e falsa a reação da liderança peemedebista ao acordo preliminar firmado pelo Governo com os bancos credores do País. Não é sem encanto que ouvimos personalidades supostamente responsáveis da política criticarem o acordo porque representou o fim da moratória e o início da nossa reaproximação com o Fundo Monetário. E nos causa também perplexidade presenciar a atitude sinuosa das autoridades que lidam com o assunto quando confrontadas pela pergunta sobre se de fato voltaremos ao FMI. Elas todas, sem exceção, ficam a pisar em ovos como se houvessem sido pilhadas em flagrante delito.

Ambas as atitudes — a dos políticos e a das autoridades — exprimem uma cultura colonial que parece destinada a constituir marca congênita da espécie brasileira. Por mais que evolua o País, hoje a oitava economia do mundo, não se consegue vencer o complexo de inferioridade que está na raiz dos arroubos autoritários com que tratamos os nossos interesses e os nossos parceiros internacionais. A extrema sensibilidade de temas como a política de informática, o FMI e a moratória não é mais do que expressão dessa subcultura tropical que não tem dimensão para compreender que somos uma Nação soberana perfeitamente capacitada a administrar nossos interesses.

A consequência inevitável de tal atraso intelectual é o isolacionismo, caminho que fatalmente haveremos de percorrer se não formos capazes de remover rapidamente essa liderança remanescente dos

anos 60 que não está à altura do Brasil dos anos 80. São velhos líderes da época do café ou jovens enfantes gatês despreparados para lidar com assuntos complexos como o são os de um País moderno. Eles não sabem, porque não conhecem o Brasil, o que significaria o isolamento. Deveriam saber, pelo menos, que seis meses de bloqueio comercial bastariam para destitui-los dos seus cargos e, talvez, levá-los ao paredon ao reboque de uma desagregação social impossível de ser contida.

Para quem não sabe, oferecemos uma visão simples do problema: em seis meses não teríamos mais ovos no País porque todos os avós das nossas galinhas poedeiras são importados. Mas até lá, metade das nossas fábricas estariam paralisadas, os transportes aéreos e terrestres em colapso, as comunicações telefônicas interrompidas, as farmácias vazias e o caos instalado. É uma visão do fim-do-mundo? Não, apenas a visão de um País incompatibilizado com as matrizes mundiais da tecnologia e dos insumos vitais. Não se enganem os suburbanos da nossa política: somos a oitava economia do mundo graças ao relacionamento que ainda conseguimos manter com a primeira, a segunda e a terceira economias. A partir da quarta somos todos periféricos.

É claro que a primeira, a segunda e a terceira economias nutrem-se, por sua vez, das demais, produtoras que são de insumos básicos embora com capital importado. A nenhuma delas interessa a ruptura do equilíbrio que sustenta as

relações internacionais e preserva a complementaridade econômica mundial. A cada uma incumbe um papel no mundo moderno e a nenhuma é dado subverter essa ordem sem perda grave e irreparável para todo o sistema. Essa é a nossa força, a força que decorre da dinâmica do sistema. Não se trata de força autônoma, auto-sustentável. Ainda não se descobriu a fórmula do moto-contínuo.

O Brasil tem que retornar ao FMI porque essa é a regra estabelecida pelo sistema ao qual aderimos voluntariamente e tem que sair da moratória porque pagar dívidas é mandamento moral elementar. Cumpre-nos, isto, sim, sanearmos internamente para que recuperemos a capacidade de pagamento perdida ao longo dos descaminhos percorridos por essa história estranha e mal contada da dívida.

As autoridades devem tratar o assunto com transparência e cabeça erguida. Não precisam escolher palavras para explicar que, afinal, retornamos ao Fundo Monetário e interrompemos a moratória antes que qualquer dos objetivos ilusoriamente propostos houvesse sido atingido. O objetivo essencial, para nós, é a restauração da normalidade das nossas relações internacionais e o reingresso na comunidade que integramos por imposição geopolítica e vontade nacional. Deixemos que voltem os monitores. Isso não faz vergonha. O que envergonha é a incapacidade de pagar, fruto da xenofobia subdesenvolvida que expulsa os capitais e a inteligência que construíram nossa riqueza.